



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agecom
Agência de
Comunicação
da UFSC

10 e 11 de setembro de 2022

DC Revista, AN Revista e Santa Revista (10.09 – 16.09.2022)

Capa e Política

“Os desafios de Décio contra o bolsonarismo”

Os desafios de Décio contra o bolsonarismo / Décio Lima / Eleições / Professor de Ciência Política / Tiago Daher Padovezi Borges / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC



OS DESAFIOS DE DÉCIO CONTRA O BOLSONARISMO

Horário eleitoral e “casamento” com Lula são táticas da campanha para tentar mudar um quadro muito difícil

JEAN LAURINDO
jean.laurindo@nsc.com.br

A corrida pelo governo de SC nas Eleições 2022 tem pelo menos quatro candidaturas no campo da direita representado por Jair Bolsonaro (PL), mas concorrência muito menor à esquerda. Décio Lima (PT) lidera a coligação do segmento que tem Lula como protagonista na disputa presidencial. Sem rivais diretos na luta pelos votos do ex-presidente, é de Décio o desafio de tentar associar a ele os votos dos eleitores lulistas de SC.

A vinculação direta entre os votos de Lula e Décio, no entanto, não pode ser dada como certa. A primeira pesquisa Ipec, contratada pela NSC Comunicação para a eleição ao governo de SC e divulgada em 23 de agosto, mostrou o ex-presidente Lula com 25% das intenções de voto em SC. Mas Décio com apenas 6%, em quinto lugar entre os 10 candidatos ao governo do Estado.

Por enquanto, o percentual de largada de Décio é menos da metade dos votos que o petista fez em 2018. No pior ano do antipetismo, com Lula preso e a onda Bolsonaro varrendo o país, Décio foi o 4º colocado na

disputa a governador e fez 12,8% dos votos. A diferença reforça a atenção da chapa petista às ações para atrair o voto lulista à candidatura de Décio.

O gesto de associar o voto nacional e estadual não é automático e depende de estratégias. Em estados como o Rio Grande do Sul e Paraná, por exemplo, os candidatos petistas também têm patamares menores nas pesquisas do que a intenção de voto em Lula. No Paraná, Roberto Requião (PT) tem 24% na pesquisa Ipec local, contra 35% do ex-presidente no Estado. No Rio Grande do Sul, Lula soma 42%, enquanto o candidato petista Edegar Pretto tem 9%.

Em Santa Catarina, o histórico nem sempre mostra votação equivalente entre presidenciais e candidatos petistas ao governo. Nas últimas três eleições, a menor diferença foi quatro anos atrás, quando a votação de Décio foi próxima à de Haddad, que fez 15% no 1º turno no Estado. Em 2010, no entanto, Ideli Salvatti fez 21% dos votos para o governo, enquanto Dilma teve 38% em SC.

Na visão de apoiadores, o desafio de conquistar a vinculação dos votos da disputa presidencial poderia garantir a Décio a ida ao 2º turno. Mas parte do comando nacional da campanha defendia que Lula dedicasse o

tempo ao Sudeste em vez de visitar SC. Décio Lima não quis responder à reportagem sobre a diferença entre as intenções de voto nele e em Lula e citou outros levantamentos que dão a ele números maiores na corrida pelo governo. A assessoria do candidato informou que a equipe não se pronunciará.

No time da campanha do PT em SC a percepção também é de que a situação já é mais favorável e que o eleitor já percebe em Décio o “candidato de Lula”. Ex-senadora e líder do governo Lula no Congresso, Ideli Salvatti afirma que a campanha presidencial é a que tem mobilizado mais os eleitores e reconhece uma dificuldade de “pegar carona” neste engajamento:

– As pessoas querem saber da presidência da República. É isso que está dividindo, polarizando, motivando as pessoas a terem atenção ao processo eleitoral. Então, acho que ainda não conseguimos efetivamente engatar a questão nacional com a estadual.

O candidato ao Senado Dário Berger (PSB) também aponta que a campanha no país está centralizada nos dois candidatos à presidência e acredita que, na data da primeira pesquisa, “a campanha ainda não havia saído do chão”. Hoje, segundo ele, a condição já é mais favorável ao partido.

Em SC, o histórico nem sempre mostra votação equivalente entre presidenciais e candidatos petistas ao governo. Nas últimas três eleições, a menor diferença foi quatro anos atrás, quando a votação de Décio foi próxima à de Haddad, que fez 15% no 1º turno no Estado



IMAGO ONLINE, ARQUIVO DC, 16/08/2022

As estratégias para engatar as campanhas

Para conseguir conectar esses votos, a campanha petista expõe algumas estratégias. A principal delas é a vinda do ex-presidente Lula a Santa Catarina, marcada para o próximo dia 18. Na visão de lideranças do partido, isso pode ajudar a atrelar a imagem de Décio e impulsionar as intenções de voto no embalo do ex-presidente da República.

Outra aposta é na força da propaganda eleitoral em rádio e TV. A campanha de Décio Lima tem o segundo maior tempo, com 2 minutos e 12 segundos. O espaço tem sido utilizado para exibir vídeos de Lula declarando apoio a Décio, relembrar obras do ex-presidente em SC e o “passado de bonança” dos anos petistas. O próprio jingle do candidato tenta reforçar a dobradinha “Décio & Lula”. Os programas também tentam colar a imagem dos outros candidatos a Jair Bolsonaro, estratégia que Décio tem repetido também nos debates.

– Começou a veicular na televisão e o que sinto na rua é que agora a gente sabe quem são os candidatos de Lula e de Bolsonaro. O contexto é esse, vincular a candidatura Décio e Dário à de Lula – afirma José Fritsch (PT), ex-prefeito de Chapecó e candidato ao governo em 2002.

O ex-deputado federal Cláudio Vignatti foi candidato ao governo do Estado pelo PT em 2014 e agora preside o PSB, partido que indicou a vice e o candidato ao Senado na chapa de Décio. Ele defende que a vinculação dos votos deve crescer devagar, ao longo da campanha, e afirma que o partido já trabalha com números

mais favoráveis ao petista.

– Temos os programas de TV que as pessoas estão assistindo agora, as redes sociais e a vinda do Lula a Santa Catarina. Aí, fica muito claro quem são os candidatos do Lula. A presença dele no Estado bota a campanha para cima – aposta.

O deputado federal Pedro Uczai (PT) afirma que os percentuais da primeira pesquisa são apenas “ponto de partida” e crê que novos levantamentos devem mostrar uma vinculação maior. Ele diz que a divulgação de obras e ações de Lula em SC e do plano de governo de Décio devem ser as etapas seguintes da campanha para buscar o crescimento de Décio e Lula.

Em contrapartida ao otimismo de algumas lideranças petistas, há outros fatores que podem dificultar um possível arranque da candidatura de Décio. Um deles é o fato de não ser tão conhecido em algumas regiões. Apesar de ter sido deputado federal por três mandatos, o petista é mais conhecido na região de Blumenau, onde foi prefeito por oito anos.

A presidente do PT de Chapecó, Ana Elsa Munarini, admite que enquanto Lula é figura mais reconhecida e está na memória dos eleitores, Décio exige uma divulgação maior porque “não é uma pessoa muito conhecida” no Oeste, por exemplo.

– A gente tem que levar muito mais a história do Décio para que as pessoas conheçam, enfim, a história dele para vincular com o Lula. A gente está sentindo isso na região, mas tem uma boa aceitação – avalia.



“As pessoas querem saber da presidência da República. É isso que está dividindo, polarizando, motivando as pessoas a terem atenção ao processo eleitoral. Então, acho que ainda não conseguimos efetivamente engatar a questão nacional com a estadual”.

IDELI SALVATTI,
ex-senadora

PT tenta governar SC pela primeira vez

O PT vive um momento de reconstrução no Estado, após anos difíceis enfrentados pelo partido no país com o impeachment de Dilma Rousseff e a prisão de Lula. O partido nunca governou Santa Catarina. O mais próximo que chegou foi em uma eleição lembrada com nostalgia até hoje pelos líderes petistas.

Em 2002, sob a força da onda Lula, que chegava à presidência pela primeira vez, o partido elegeu Ideli Salvatti como senadora e quase chegou ao 2º turno na disputa para governador. O então candidato petista José Fritsch ficou de fora por menos de 3%, e o apoio de Lula no 2º turno foi fundamental para a vitória de Luiz Henrique da Silveira, do então PMDB.

O desempenho de 20 anos atrás faz petistas refutarem a tese de que SC é um estado conservador e que não abre espaço para o petismo. Ideli defende que o Estado tem dois polos, à esquerda e direita, e um grande miolo, que varia conforme as propostas e o clima eleitoral. É este grupo que o partido pretende capturar na disputa deste ano.

– Em 2002, o maior percentual de votos do Lula no primeiro turno foi em SC. Por quê? Porque em 2002 tinha uma conjuntura, uma onda que levou esse “miolo” para a candidatura do Lula. Em 2018, levou para o Bolsonaro. Agora, a gente trabalha na lógica de, no mínimo, dividir – conta a ex-senadora.

De 2002 para cá, a legenda viveu altos e baixos no Estado. Chegou a comandar 47 prefeituras após a eleição de 2012 e pas-

sou pela direção de cinco das sete maiores cidades de SC: Joinville, Blumenau, Chapecó, Itajaí e Criciúma. Na última eleição, no entanto, elegeu 11 prefeitos, apenas o 7º desempenho entre os partidos. No número de filiados, viu o total de apoiadores voltar a crescer 8% entre 2018 e 2022, na esteira da recuperação do partido com o retorno de Lula ao cenário eleitoral. Hoje são 62 mil filiados, o 5º maior partido em SC.

Para 2022, o partido tentou deixar para trás o passado de isolamento e buscou abrir o arco de alianças. Trouxe aliados inesperados, mais ligados à centro-direita, como o ex-deputado Gelson Merísio (Solidariedade), coordenador da campanha, e o ex-emedebista Dário Berger (PSB), senador e candidato à reeleição. A chapa só não foi tão ampla quanto o esperado por causa do racha de última hora, que terminou com a saída do PDT e a candidatura isolada ao Senado do PSOL, arranhando a propaganda “unidade” da esquerda de SC.

Agora, 20 anos depois da chegada de Lula à presidência e de o partido bater na trave na ida para o segundo turno em SC, o PT deposita esperança no retrospecto. Em mais uma eleição com Lula como um dos protagonistas, o partido tenta repetir a dobradinha de votos para crescer em uma eleição que tem as candidaturas da direita divididas. Um enorme desafio que se mostra maior ainda para Décio Lima e o PT depois das manifestações de apoio a Jair Bolsonaro nas comemorações dos 200 anos da Independência.



“O momento da urna é muito forte. Isso ficou muito claro nas últimas eleições, que teve o boom do partido em que Bolsonaro estava. É um efeito muito de urna, de última hora”.

TIAGO BORGES,
professor de
Ciência Política
da UFSC

“A associação é um efeito de urna, de última hora”, diz especialista

O gesto de associar o voto nacional e estadual não é automático. O professor de Ciência Política da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Tiago Daher Padovezi Borges, afirma que a vinculação se processa a partir de informações que os eleitores têm e exige estratégias da campanha.

Essas ações precisam identificar em pesquisas pontos como se os eleitores de Lula estão fora da faixa da esquerda ou se estão

direcionando votos a outras candidaturas.

– Outra coisa importante é criar uma associação para que as pessoas façam isso na urna. O momento da urna é muito forte. Isso ficou muito claro nas últimas eleições, que teve o boom do partido em que Bolsonaro estava. É um efeito muito de urna, de última hora. E essa associação dos números também é importante – pontua o especialista.

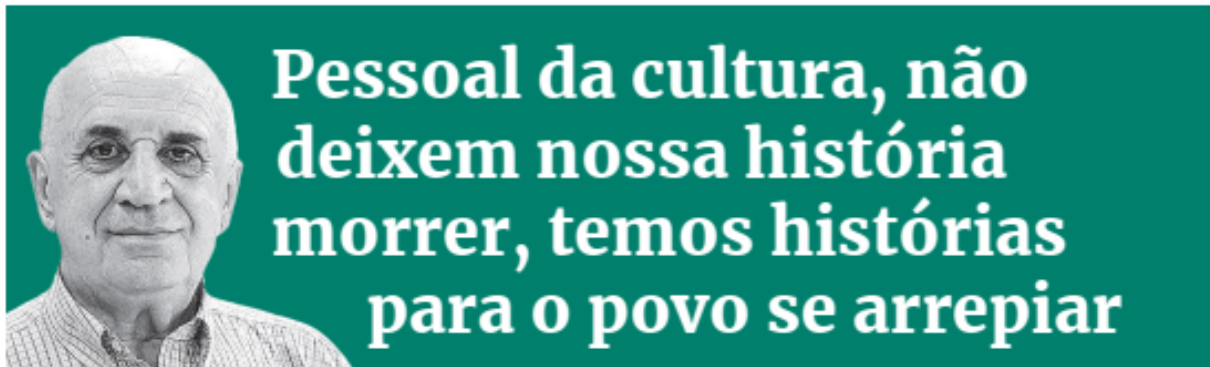
Notícias do Dia

Capa e Laudelino José Sardá

“Não deixem nossa história morrer”

Não deixem nossa história morrer / Livro / Martim Afonso de Haro / Editora da UFSC

LAUDELINO JOSÉ SARDÁ. PÁGINA 20



Não deixem nossa história morrer

Relato de Viajantes Estrangeiros nos séculos 18 e 19 reúne fascinantes histórias e contos, que, com certeza, apaixonariam os jovens de hoje. Mas o livro “Ilha de Santa Catarina”, bem organizado por Martim Afonso de Haro, e publicado pela Editora UFSC em parceria com a Editora Lunardelli, estacionou nas prateleiras da burocracia, e sequer os educadores, em sua maioria, têm acesso aos seus exemplares.

Entre as histórias recheadas de fatos tocantes destaca-se a do médico e naturalista alemão Georg Heinrich von Langsdorff, que aportou na Ilha em 1803, quando Desterro cultivava a alegria, festas com danças de escravos, e até fabricação de óleo de baleia. “A paisagem da Ilha, coberta por uma roupagem de um verde vivo, semeada de flores multicolores, prometia-nos o maior prazer durante a nossa estada naquele lugar e um confortável bem-estar”, registra.

Langsdorff, que morreu aos 58 anos de tifo na Rússia, encantou-se por Desterro, que, segundo ele, foi agraciada pela natureza em todos os sentidos, uma terra onde viceja com inexcedível beleza e garbo inimagináveis. E salienta que a realidade

excedia a sua expectativa, com a floração tão variada em cores, tamanho, e que exalava uma mistura de perfume agradável, que a cada inspiração fortificava o corpo e vivificava a alma.

Segundo Langsdorff, a pequena cidade reunia cerca de 450 casas com 10 mil habitantes.

Vivem na Ilha diversas pessoas abastadas, mas poucas ou quase nenhuma delas rica. As residências são de pedra e de barro batido e seco, as ruas geralmente regulares. Há um comércio ativo, com pequenas lojas e muitos artesãos. As mercadorias são trazidas da Europa.

- À noite, reúnem-se grupos de pequenas famílias, seguindo o costume bem português, com danças, risos, gracejos, brincadeiras diversas e falam sempre do amor e da moça das saudades e suspiros do coração.

NA LEMBRANÇA DE CACHOEIRA

- Ô Lelo, aquela época devia ser boa, né? Não tinha carro, mas fogueira, cantoria e muitas mentiras kakaka!

- É verdade, Venanço, mas por que a prefeitura não faz as escolas, esses órgãos de cultura trazer essas histórias para o povo se arrepiar de felicidade? Quantas casas antigas e histórias estão se apagando, né? Fico triste porque quem precisa enxergar nossas riquezas culturais faz vista grossa.

- É verdade, Lelo, bem que o professor Maurício, que é secretário da Educação, podia mandar seu pessoal apostar nisso.



Quantas casas antigas e histórias estão se apagando, né? Fico triste porque quem precisa enxergar nossas riquezas culturais faz vista grossa.”

Esportes

“Times se mobilizam por campo adequado em SC”

Times se mobilizam por campo adequado em SC / Beisebol / Softbal / Floripa
Ichiban / Centro de Ciências Agrárias / UFSC

TIMES SE MOBILIZAM POR CAMPO ADEQUADO EM SC

Nenhuma das 10 equipes que existem no Estado têm local correto para a prática do esporte, que reúne fãs brasileiros e imigrantes. Muitos estrangeiros usam o esporte como forma de matar a saudade de casa

CAMILLA MARTINS
camilla.coelho@nsc.com.br

Times de beisebol e softball da Grande Florianópolis estão mobilizados em busca de um espaço adequado para treinos e competições no Estado. O cenário atual que equipes como o Floripa Ichiban e Continente Dragons lidam frequentemente é o de campos menores do que o ideal, mato e falta de estrutura básica para os treinos.

Para que a prática do esporte não seja interrompida, atletas e comissão técnica se unem e buscam alternativas. Praças, espaços de forças de segurança e campos de futebol de bairros têm abrigado por anos os grupos que semanalmente treinam rebatidas, corridas e arremessos.

– Desde quando começou o time, nunca tivemos um espaço fixo que pudéssemos usar. Sempre foi um clube que nos emprestou, o terreno de alguma empresa que deixou a gente jogar, um espaço público que não estava sendo utilizado e nós aproveitamos... Então, quando esses espaços públicos iam ser utilizados, ou alguém iria começar a cobrar, a gente tinha que se deslocar. E nenhum desses espaços, desde o início das atividades, tinha as dimensões corretas para jogar, nós sempre adaptamos – explica a atleta e membro da comissão técnica do Floripa Ichiban, Shantau Stoffel.

Fora da Ilha de Santa Catarina as equipes encaram o mesmo problema. De acordo com Carlos Zaze, que é atleta e um dos responsáveis pelo Continente Dragons, o campo de futebol em Palhoça, que é usado para os treinos de beisebol e softball, foi encontrado sem condições para uso e adaptado para que a equipe conseguisse treinar.

– Quando a gente chegou ali, o campo era só mato até a altura do joelho. Daí começamos a roçar, arrumar o campo (que não é



TIAGO GAZZONI

para este esporte) e a gente sempre treina. Têm mulheres, crianças, filhos de atletas... Têm treinos que participam 25, 30 atletas. A gente não desanima, mas o ideal seria ter um campo específico para a prática – diz Zaze.

Com o objetivo de chamar a atenção de agentes públicos e privados, um abaixo-assinado foi elaborado pela equipe, reforçando a necessidade de um local que abrigue o campo em formato de diamante, que deve ter cerca de 130 metros.

– A gente já perambulou por Florianópolis... Estamos com um abaixo-assinado para conseguir que órgãos públicos possam nos assessorar. Hoje, a gente pratica (o esporte) porque somos teimosos. A gente insiste, persiste para que a gente consiga chamar a atenção. Empresas privadas no Japão ajudam times do mundo todo, mas, para isso é preciso ter um espaço físico – afirma Gedson Castro, atleta do Floripa Ichiban.

Em todo o Estado existem mais de 10 times de beisebol e softball, mas nenhum deles treina em espaço adequado aos esportes. Atualmente, os treinos do Floripa Ichiban são feitos no campo de futebol do Centro de Ciências Agrárias da UFSC.

Santa Catarina tem atualmente 10 times de beisebol e softball

 Escaneie o código e confira galeria de imagens das equipes de beisebol e softball em ação



União de brasileiros e estrangeiros

As equipes da Grande Florianópolis têm um número considerável de atletas venezuelanos e cubanos. No time da Capital, um dos componentes tem 71 anos, sendo mais de 30 dedicados ao beisebol. Ele saiu da Venezuela, mas não abandonou o esporte, e a presença dele no time reforça a característica de acolhimento que a prática esportiva promove.

– Na Venezuela o beisebol é o esporte nacional. Então, eles vêm de lá com esse esporte, como se fosse futebol, e chegam cheios de vontade de jogar. E a gente quer que as pessoas conheçam o esporte, porque tem muita gente jogando no Brasil, e é um esporte muito família. A gente traz os pais, irmãos, amigos e o esforço é para que todo mundo jogue – ressalta Shantau Stoffel.

Segundo as equipes, além de incentivar que mais pessoas pratiquem os esportes, ter estruturas adequadas para beisebol e softball possibilita trocas de experiências e intercâmbios de profissionais vindos de países como o Japão.

– A Jica (Agência de Cooperação Internacional do Japão) – que é uma entidade que ajuda financeiramente o mundo inteiro – consegue trazer voluntários para virem treinar. Eles vêm exclusivamente para isso. Uma pessoa que é treinadora lá, por exemplo, vem passar um tempo aqui e a gente pode ter uma pessoa aqui constantemente, mas precisa de um espaço e estrutura. Em Florianópolis, temos voluntários da Jica ensinando japonês. Não tem para o softball e beisebol porque não teríamos onde receber essa pessoa – afirma a atleta.

“Como a ponte Joinville vai impactar no trânsito da cidade”

Como a ponte Joinville vai impactar no trânsito da cidade / Mobilidade /
Professora / Simone Becker Lopes / Universidade Federal de Santa Catarina /
UFSC

COMO A PONTE JOINVILLE VAI IMPACTAR NO TRÂNSITO DA CIDADE

Reportagem ouviu a prefeitura e uma especialista em mobilidade para explicar os impactos da nova estrutura. A administração municipal estima redução média de 12 minutos no trajeto em horários não congestionados, e especialista projeta incentivo ao uso de bicicletas

HASSAN FARIAS

hassan.souza@somosnsc.com.br

Com licitação lançada na semana passada, a Ponte Joinville promete melhorar o trânsito da cidade com uma nova ligação entre as zonas Leste e Sul. A estrutura é prometida há anos e tem previsão de início das obras para o primeiro semestre de 2023. Por isso, a reportagem ouviu a prefeitura e uma especialista em mobilidade para entender quais serão os impactos dessa construção para o município.

Segundo o secretário de Pesquisa e Planejamento Urbano, Marcel Virmond Vieira, a construção de uma ponte para ligar as duas regiões mais populosas da cidade já era prevista desde o Plano Direto de 1975. No entanto, foi apenas no fim dos anos 2000 que o município fez estudos para definir o traçado da estrutura.

O objetivo da Ponte Joinville é aliviar o trânsito em ruas que atualmente são usadas pelos moradores para circular de uma região para a outra. Entre elas, estão a Helmut Fallgatter, Aubé, Albano Schmidt, Florianópolis e Guanabara. O secretário diz que haverá um ganho de tempo para parte

significativa da população desses bairros.

– Em média, são 12 minutos a menos do trajeto em horários não congestionados e o ganho fica muito maior se contar os horários de pico ou deslocamentos de bicicleta e a pé, que são significativos – detalha.

Atualmente, os moradores da região Sul que precisam ir até a Zona Leste, ou vice-versa, precisam se deslocar, pelo menos, até a Ponte do Trabalhador para fazer o trajeto. Com a nova ponte, de aproximadamente um quilômetro de extensão sobre o Rio Cachoeira, haverá uma opção mais direta para conectar as duas regiões.

Estudos organizados pelo município mostram que 80 mil pessoas saem diariamente da Zona Sul com destino ao Distrito Industrial. Segundo Virmond, o comportamento dos deslocamentos mudou nos últimos anos e cresceu para outras direções, inclusive para a região Leste, que será uma das impactadas pela construção da ponte.

INCENTIVO PARA O USO DE BICICLETAS

Outro ponto positivo da construção da Ponte Joinville para a mobilidade da cidade pode ser o impacto nas viagens a pé

ou com bicicleta. Segundo a doutora em engenharia de transportes e professora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Simone Becker Lopes, pode haver um incentivo para o aumento desses deslocamentos.

– Atualmente, se as pessoas precisassem se deslocar entre o Adhemar Garcia e o Boa Vista talvez não fossem de bicicleta e optassem pelo carro. Com a ponte e a conexão dessa área, junto aos mangues, proporciona um caminho com áreas de contemplação para quem está a pé ou de bicicleta, por exemplo – ressalta a especialista.

Simone atua como coordenadora da revisão do Plano Viário de Joinville, por meio do consórcio contratado para executar o trabalho, e conta que a nova ponte foi incluída nos estudos e simulações feitas para a mobilidade do município.

Um dos dados levantados foi sobre a redução do tempo de deslocamento em viagens de bicicleta. Com a construção da ponte seria possível percorrer o dobro da distância em um mesmo período de tempo do que atualmente, em que ainda é necessário passar por outros bairros para chegar de um ponto ao outro.



Acesse outros
conteúdos em
nsctotal.com.br



Ponte tem quase um quilômetro de extensão sobre o Rio Cachoeira

Uso do solo e engenharia de tráfego são os desafios

Ao mesmo tempo em que surgem melhorias, a construção da Ponte Joinville pode criar novos desafios para a gestão municipal, de acordo com a doutora em engenharia de transportes e professora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Simone Becker Lopes. Segundo ela, assim como poderá aumentar os deslocamentos de bicicleta

e a pé, a estrutura também possibilita o crescimento do número de veículos circulando na região.

Por isso, ela aponta que será necessário controlar possíveis consequências para o trânsito com ações de engenharia de tráfego. Além de existir o risco de impactos em relação ao uso do solo, já que o aumento do fluxo e número de veículos

pode gerar maior desenvolvimento de empreendimentos no entorno da nova estrutura.

Simone destaca que a região é delicada, por se tratar de área de mangue e, segundo ela, a solução passa pelo município manter um controle rígido do uso de solo e do planejamento urbano, por meio do Plano Diretor.

Ponte Joinville poderá precisar de “reforço” em empréstimo

JEFFERSON SAAVEDRA
jefferson.saavedra@nsc.com.br

O valor do edital de licitação e a cotação atual do dólar poderão levar a prefeitura de Joinville a buscar mais recursos para a construção da Ponte Joinville, cuja concorrência para a construção foi lançada na última semana. Pelo empréstimo contratado em 2017 junto ao Fonplata, a obra terá US\$ 36,1 milhões dos US\$ 40 milhões do financiamento (o restante foi usado em estudos e projetos e vai bancar,

também, a supervisão).

Pela cotação de dólar (apurada na última terça-feira, dia 6), o montante reservado para a ponte é de R\$ 188 milhões. No entanto, o edital prevê R\$ 253 milhões, em pacote com a construção da ponte e uma série de intervenções nas vias de acesso. Na concorrência, as eventuais propostas das empreiteiras devem reduzir o valor máximo da concorrência da Ponte Joinville.

Se houver necessidade de complementação de recursos, a prefeitura alega que será preciso a autorização do gover-

no federal, esfera avalista de empréstimos internacionais. Dessa forma, é possível que a origem de mais recursos seja o próprio Fonplata. O fundo acompanha todos os passos da contratação da obra, inclusive fez a avaliação do edital para as obras. A cotação do dólar nos pagamentos será a do dia do desembolso.

A ponte é o segundo empréstimo do fundo a Joinville. Nos anos 2000, outro financiamento bancou o conjunto de parques na cidade. A prefeitura de Joinville pretende iniciar até o início do ano que vem a construção da Ponte Joinville.



1 Estrutura terá espaço para deslocamentos de bicicleta e a pé

2 Ponte vai ligar os bairros Adhemar Garcia e Boa Vista

AN Revista (10.09 – 16.09.2022)

Jefferson Saavedra

“Expansão no sul de Joinville”

Expansão no sul de Joinville / Área de Expansão Urbana / AEU Sul / Campus da
UFSC

EXPANSÃO NO SUL DE JOINVILLE

A área de expansão urbana (AEU), motivo de polêmica na discussão da Lei de Ordenamento Territorial, voltará a ser discutida em Joinville. A prefeitura pretende enviar a minuta do projeto da AEU Sul ao Conselho da Cidade nos próximos meses. Após a análise pelos conselheiros, será a vez da tramitação na Câmara de Vereadores. A AEU Sul já está criada, mas depende de lei específica sobre as regras de ocupação. A área é referente a 2,7 mil hectares na zona rural de Joinville, no Sul do município.

A região é cortada pela BR-101, no entorno da área reservada para o campus da UFSC. A regulamentação deve permitir a maior ocupação de indústrias e empresas no local. Uma estimativa aponta a possibilidade de 20 mil pessoas morarem no local.

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

10/09/2022

[28º Açor chega a Sombrio e promete movimentar a cidade](#)

[Cesar Barros Leal lança importante obra sobre Direito e Literatura](#)

[II Encontro dos Programas de Pós-graduação em Saúde Coletiva no Amazonas reúne 40 especialistas nacionais e internacionais](#)

[Dr. Léo Mauro Xavier morre em Florianópolis](#)

[Evento reúne especialistas para debater sobre soluções em saúde pública na Amazônia](#)

[Hospital Universitário da UFSC suspende atendimentos da emergência pediátrica](#)

[HU da UFSC suspende atendimentos da emergência pediátrica até a próxima quinta-feira](#)

[Inscrições do vestibular unificado UFSC/IFSC abrem na segunda-feira](#)

[Inscrições do Vestibular Unificado UFSC/IFSC começam na segunda-feira](#)

[Jovem chama atenção nas redes sociais por dançar com o pescoço "deslocado"](#)

[Plantas aquáticas transformam rio em 'tapete verde' em Florianópolis; FOTOS](#)

[Plantas aquáticas transformam rio em 'tapete verde' em Florianópolis](#)

[Setembro Amarelo: três ações em Florianópolis para preservar vidas](#)

11/09/2022

[Estudo mostra que 80% dos jornalistas brasileiros são de esquerda; entenda](#)

[Inscrições para Vestibular Unificado UFSC/IFSC abrem na segunda-feira](#)

[Luto na Medicina: Santa Catarina perde o urologista Léo Mauro Xavier, ex-secretário da ACM](#)

[Quais os melhores tratamentos para insônia? Veja o especialistas dizem](#)

["Sou produto da escola pública, só a educação garante mobilidade social"](#)

[TRF-4 confirma legalidade de consulta em processo de escolha de reitor da UFSC](#)

[UFMG: como a Lei de Cotas multiplicou universitários negros e indígenas](#)